

Boletim dos Associados do IPB

laps

BOLETIM #1



Instituto
de Psicanálise
da Bahia

ASSOCIADO AO CAMPO FREUDIANO (PARIS)



Boletim dos Associados do IPB

laps #1

**BOLETIM DOS ASSOCIADOS
DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA BAHIA
Laps – Julho 2025**

Av. Anita Garibaldi, 1211.
Ed. Central Pinheiro. Ondina.
CEP 40170.130. Salvador, Bahia.
+55 71 9391-0304 – contateipb@gmail.com
<http://www.institutopsicanalisebahia.com.br>

EDITOR:

Wilker França

COMISSÃO DE REDAÇÃO E REVISÃO:

Pablo Sauce
Jaine Porto
Wilker França
Graziela Pires
Julia Jones
Liliane Sales
Raissa Silveira
Maíra Valente

REVISÃO DE PORTUGUÊS E DE NORMAS:

Luiz Morando

DESIGN GRÁFICO:

Kako Arancibia

DIRETORIA DO IPB - BIÊNIO 2025-2027

Bernardino Horne (Diretor Geral)
Luiz Fernando Belmonte Mena (Diretor de Ensino)
Pablo Sauce (Diretor de Planejamento e Finanças)

**CONSELHO DELIBERATIVO DO IPB
BIÊNIO 2025-2027**

Rogério Barros (Presidente)
Nilton Cerqueira (Secretário)
Aléssia Fontenelle
Bernardino Horne (Consultor Permanente)
Jordan Gurgel
Marcela Antelo



FOTOGRAFIAS:
Série fotográfica
No ar (2025),
de Leila Mignac



Editorial

“Escrecer” – Um lapso entre o esquecimento e a escrita

por Graziela Pires
associada ao IPB-BA



“Eu me escreci” – o acontecimento desse neologismo durante uma fala carregou uma densidade que só o ato falho pode oferecer: um tropeço que acende. A junção entre “esqueci” e “escrevi” é, antes, um lapso que condensa, numa só palavra, o drama da memória e da inscrição.

“Escrecer-se”, poderíamos dizer, é esquecer escrevendo, ou escrever esquecendo. Algo se apaga ao mesmo tempo em que se marca. O sujeito aí parece revelar que o esquecimento não é puro vazio, mas uma forma de se escrever de outro modo: no corpo, na fala, no sintoma. Como se dissesse: “me perdi, mas deixei rastro”.

O inconsciente aí opera indicando que o esquecimento, longe de ser falha da memória, pode ser efeito de uma escrita outra, que escapa ao controle. Esquecer não é deixar de saber... escrever, nesse sentido, é uma tentativa de fazer borda. “Eu me escreci” soa como quem se perde de si ao escrever e, nesse mesmo gesto, se encontra em outro lugar.

Escrever este editorial para o *Laps* me fez revisitar a leitura de Marguerite Duras em *Escrever*, onde ela diz:

Fiquei surpresa com Lacan. E estas frases suas: “ela não deve saber que escreve aquilo que escreve. Porque ia se perder. E isso seria uma catástrofe.” Essas frases se tornaram para mim uma espécie de identidade de princípio. Encontrar-se em um buraco, no fundo de um buraco, numa solidão quase total, e descobrir que só a escrita vai te salvar.

Não ter um tema para o livro, não ter ideia alguma para o livro é se encontrar ou se reencontrar diante de um livro. Uma imensidão vazia. Um livro eventual. Diante do nada. Diante de uma espécie de escrita viva e nua, terrível, terrível de suportar.

Acho que a pessoa que escreve não tem a ideia de um livro, tem as mãos vazias, a mente vazia, e dessa aventura do livro só conhece a escrita seca e nua...

(Duras, 2021, p. 38)

esqueci

Essa imensidão vazia de que fala Duras ressoa fortemente na escrita que se faz em análise e em torno dela. Porque escrever, aí, não parte de um plano prévio, mas de uma fissura. É nesse terreno instável, onde não se sabe bem o que se escreve – e ainda assim se escreve – que algo pode advir. E foi nesse ponto que, entre conversas, áudios, tropeços e entusiasmo, começamos a desenhar o contorno do que viria a ser este número do *Laps*.

O que faz de um texto um texto psicanalítico? Talvez a presença de um resto que insiste, de um traço de real que resiste ao saber e escapa às belas palavras. Há algo que pulsa no estilo, no modo como cada um escreve – e se escreve. A literatura e a psicanálise tocam o mesmo chão: a ficção do sujeito. Mas se a primeira pode se permitir a deriva do encantamento, a segunda se dá onde o encantamento falha. A psicanálise escreve a partir do que não fecha, do que fura, do que reverbera na carne.

Nos encontros que deram forma a este editorial, foi se desenhando algo como um contorno, um traço possível para dizer dessa escrita que não é toda, mas que aponta. Que não pretende ser teoria fechada, mas aposta na transmissão de uma experiência. Textos de sujeitos que se deixam tocar e que, a partir de algum encontro, escrevem com essa natureza do que provoca e causa com seu estilo. É com o estilo que a gente escreve ficção literária e teoria psicanalítica. É com ele também que nos perdemos e nos deixamos encontrar. Nesse lugar, onde o corpo escreve e a linguagem falta, algo pode advir. Um escrito, quem sabe. Um *laps*.

“ Se a escrita acontece aí, nesse vão entre o que se diz e o que escapa, talvez ‘escrever’ seja também uma forma de se deixar afetar”

O *Laps* nº 1 nos brinda com os textos de nossas colegas que ecoam desse ponto onde a escrita, tocada por um vazio, se desdobra: Leila Mignac inaugura um caderno em branco com um primeiro feixe de luz – “um vazio mediano e atuante” – e nos traz isso em carne viva. Raquel Matias, a partir de um encontro com um texto, se sente causada pela escrita de Lêda Guimarães e se faz uma pergunta: “O que é estar vivo?”. Lara Cedraz nos provoca a fazer, com a falta, uma invenção – advertindo que, de alguma forma, esquecidos, escrevemos nossas vidas. E Anna Luisa Pires Duarte Dias nos traz ressonâncias da jornada do PsiU.

Se a escrita acontece aí, nesse vão entre o que se diz e o que escapa, talvez “escrever” seja também uma forma de se deixar afetar. Uma dobra entre o corpo e o papel. O *Laps* convida você, que se deixou tocar por algo, a escrever também. ❖

Referências

DURAS, M. *Escrever*. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

PsiU: uma aposta na palavra

*por Anna Luisa Pires Duarte Dias
Estudante do TPOL*

No dia 13 de junho de 2025, foi realizada a IV Jornada do PsiU – Lugar de Escuta, com o tema “A psicanálise por um fio: os desafios da clínica virtual”. A programação foi composta por mesas temáticas que abordaram, por meio de casos clínicos, questões essenciais como “Transferência e invenção na borda da

análise”, “O lugar do Outro: mães, mulheres, corpos e devastação” e “Clínica do real e discurso: corpos marcados, racismo, escuta e restituição”. Entre tantas provocações discutidas, escolhi pensar sobre como o trabalho clínico do PsiU pode reverberar na existência de sujeitos em sofrimento.



O PsiU sustenta uma prática de escuta psicanalítica dentro da universidade pública, em situações marcadas por urgência subjetiva e vulnerabilidade social. O programa não atua com protocolos predefinidos, mas com a aposta na escuta do singular. Ao recusar o reducionismo diagnóstico e o empuxo à homogeneização, o PsiU se sustenta como um lugar de escuta que reconhece a opacidade do sintoma e aposta na produção de efeitos a partir do que escapa ao discurso coerente.

A clínica que se produz nesse espaço opera a partir de coordenadas fundamentais da psicanálise: a transferência, o manejo do tempo e o desejo do analista. Mesmo com atendimentos pontuais e tempo limitado, a escuta acolhe a dor que se apresenta, criando brechas para que algo do sujeito possa escapar. São nessas fendas que pode emergir a retificação subjetiva,

“Mesmo com atendimentos pontuais e tempo limitado, a escuta acolhe a dor que se apresenta, criando brechas para que algo do sujeito possa escapar”

momento em que o sujeito se implica na queixa e muda de posicionamento frente ao sintoma.

Os casos apresentados na Jornada evidenciaram o manejo da transferência, seja na clínica presencial ou virtual, como um elemento central, e revelam a possibilidade de operar efeitos subjetivos mesmo em atendimentos breves. O PsiU, assim, institui-se como um lugar de escuta onde a clínica se reinventa a partir da presença, do acolhimento e do desejo do analista, reafirmando que, mesmo na urgência, é possível apostar na palavra. ❖

escapar

Palavra viva: cartografias do amor de transferência



por *Raquel Matias
Correia Lima -
associada ao IPB*

Ler psicanálise não é apenas compreender um texto. É deixar-se afetar, ser tocado por algo que escapa à compreensão imediata e, por isso mesmo, convoca ao trabalho – não qualquer trabalho, mas aquele que nasce da transferência. Porque quando a letra ressoa, ressoa no corpo, e é por aí que a psicanálise se mostra viva.

Recém-chegada à terra de Dona Canô – que dizia que “*ser feliz é pra quem tem coragem*” –, vi minha transferência com o IPB nascer não de um encontro presencial, desses em que as paixões são temperadas com olhares e vo-



zes, mas do encontro com o texto. Mais precisamente, com os textos de Lêda Guimarães, psicanalista baiana, referência luminosa nos estudos sobre o feminino na psicanálise lacaniana. Ela partiu em 2021, em meio à distância pandêmica que tantas vezes reteve o gesto e o abraço. Nunca a conheci pessoalmente. No entanto, conhecê-la pela letra foi – e segue sendo – um encontro fundante.

Essa experiência me conduz à pergunta: o que é estar vivo? Trabalhar numa Escola cujo mestre já partiu é o mesmo que numa em que ele ainda está? Miller se interroga sobre isso ao pensar o futuro da psicanálise e de suas escolas no tempo em que Lacan não está mais vivo. Minha experiência com algo da presença de Lêda me faz crer que ela continua a pulsar naquilo que escreveu, nos descaminhos do feminino, da diferença sexual, da clínica do real, que abraça a experiência de gozo vivificante como instrumento em direção à cura – então talvez a vida não se dê apenas na presença de uma figura. Talvez a vida da psicanálise resida na transferência. E é nesse ponto que se entende a lição de Lacan para a própria escola que fundou: o amor é o que faz o gozo condescender ao desejo. Um amor de transferência, que liga a letra ao corpo, o sujeito ao trabalho, mobilizado por um amor que conduz ao desejo de saber.

coragem

Hoje integro um Cartel dedicado à releitura da obra de Lêda. Lugar de trabalho e desejo, onde cinco se reúnem em torno de um ponto de não-saber, e o mais-um sustenta a falta, o desejo de saber. Relendo Lêda, recolhemos os fios que ela lançou – e puxamos novos, costurando uma psicanálise que se coloque à altura do nosso tempo, capaz de escutar também o masculino em sua opacidade e vulnerabilidade.

Lêda, farol que me conduziu ao IPB, é hoje a brasa que mantém acesa a tarefa. Trabalhar com sua escrita é afirmar que a transmissão analítica não se mede em tempo cronológico. Que o saber não se reduz ao acúmulo, como o universitário, mas se oferece na forma como afeta um corpo. Ela está viva porque há quem a deseje, quem se sinta interrogado por ela, e, assim, a reinvente, a relance no tempo, narrando em primeira pessoa o que foi ser atravessado por essa experiência com o seu inconsciente.

É nesse ponto que vida e morte se tornam indiscerníveis. Porque se é o amor o que sustenta o trabalho transferencial, então é nele que a psicanálise permanece: viva, desejante, persistente. Um saber que pulsa onde há corpo – letra e amor. ❖

Referências

GUIMARÃES, L. *O que é ser homem?* Feira de Santana: Samp Gráfica Editora, 2023.

LACAN, J. *O seminário, livro 20: Mais, ainda.* (1972-1973) Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: M. D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

MILLER, J.-A. *Como terminam as análises: paradoxos do passe.* Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

Como cercar um vazio

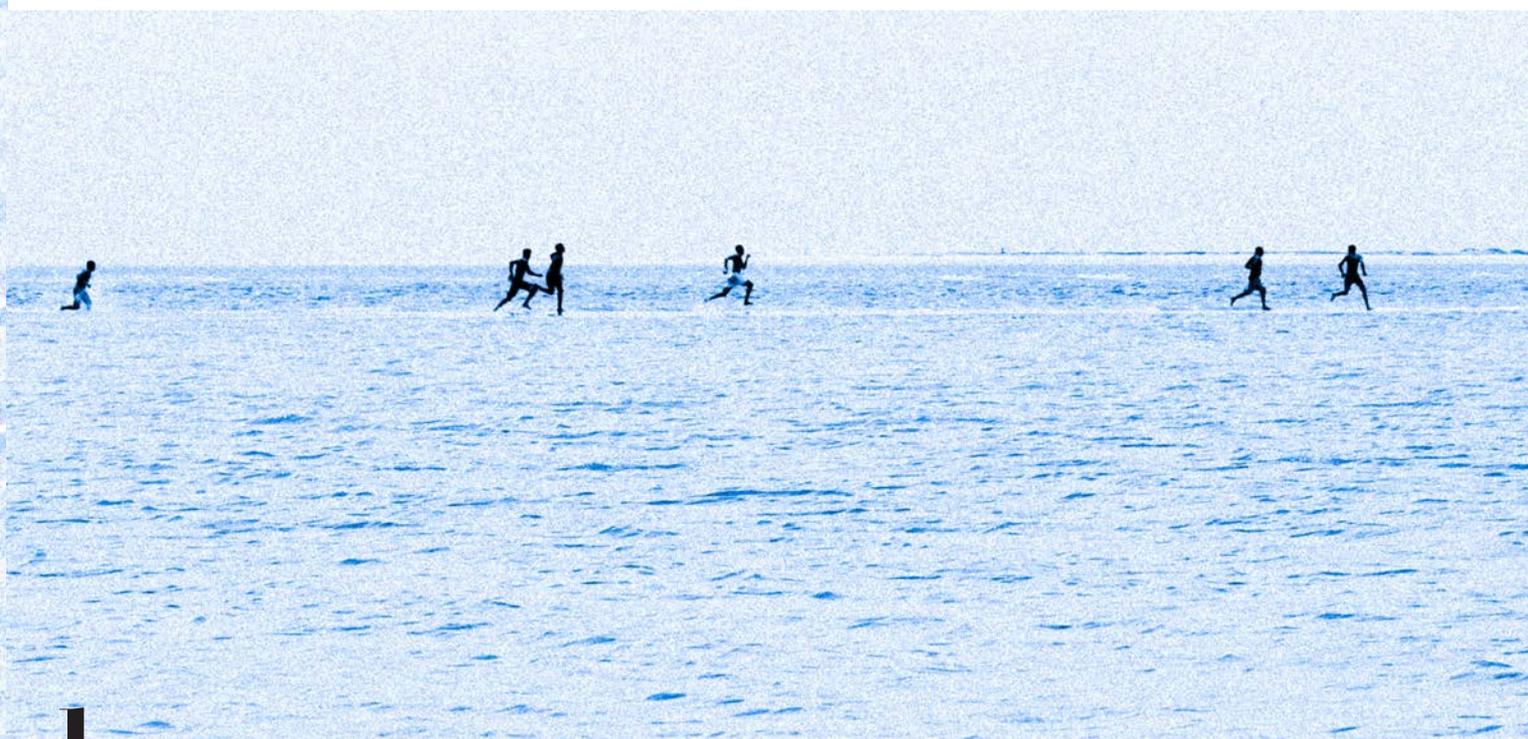
por *Leila Mignac* - associada ao IPB-BA

O segredo está sempre exposto, à plena luz, e ao mesmo tempo, o que é revelado parece afundar e quase se afogar dentro de si, em direção a um centro inexplicável.

(Giorgio Agamben)

Na abertura das atividades da Escola, escuto Marcelo Magnelli, Iordan Gurgel, Julia Solano e Pablo Sauce sobre as entrevistas preliminares e inauguro um caderno em branco com um primeiro feixe de luz: “um vazio mediano e atuante” como componente que permite à análise acontecer em sua partida com a contingência, do início ao final. Nas pesquisas sobre essa noção, que nunca tinha ouvido, sou levada a Lacan e ao taoísmo, em um mergulho no pensamento chinês. É desse modo que descubro o vazio mediano como elemento que compõe a estrutura ternária junto ao *yin* e o *yang*, instaurando um centro a partir do qual

dois heterogêneos se conectam e se articulam. Atuante, portanto, por possibilitar o movimento – sendo via de passagem para que o Um chinês, chamado de sopro primordial, anime o que é vivo (Andrade, 2013). Éric Laurent conta que o interesse de Lacan por este termo se dava pelo que ele tem de litorâneo, como a letra que reúne o efeito de sentido e o afeto do gozo. Seguindo essa coordenada, ele nos indica que o Tao do analista seria permanecer nessa borda do furo no saber, visando ao enlace de dois registros distintos, real e sentido, e transformando isso em Vazio atuante. Em outras palavras, trata-se de “chegar a se manter



“

É essa tensão fina entre sentido e não sentido que me causa, principalmente pelo que articula da temporalidade de um microinstante em que se encontram e deixam marca”

neste ponto onde enfim alguém pode circular no que para ele retorna” (Laurent, 2010, p. 90), criando e seguindo a via em que o sem-nome pode, mesmo assim, circundar-se.

Penso que não é à toa ter sido fisgada por essas palavras iniciais: há muito, é essa tensão fina entre sentido e não sentido que me causa, principalmente pelo que articula da temporalidade de um microinstante em que se encontram e deixam marca. Lembro, insistentemente, de Agamben em *Coisas que vi, ouvi e aprendi...*, livro onde percorre toda uma série de fragmentos conclusivos que extraiu ao longo da vida. O curioso é que esse percurso desemboca em uma outra seção, destinada só ao final do escrito: *Coisas que não vi, ouvi e aprendi...* Aqui, Agamben também esbarra com um vazio – retomando um segredo ao mesmo tempo sempre à mostra e, ainda assim, inacessível, que o conduziu a tudo o que

vazio

buscou dizer em seus livros, mas que seguia impossível de ser dito. Ele o descreve como “uma espécie de vazio central, uma suspensão ou um desvio, como se no centro de tudo o que eu tentei viver e escrever houvesse um instante, talvez só um quarto de segundo, perfeitamente vazio, perfeitamente inabitável” (Agamben, 2022, p. 71). O que ele nos diz, no entanto, é que esse mesmo impossível é o que permite que siga escrevendo, ao fracassar em tentar dizê-lo. Fracassar: isto é o que melhor pode fazer. Afinal, como ilumina Lacan, “o vazio é a única maneira de agarrar algo com a linguagem” (Lacan, 1971/2012, p. 12). ❖

Referências

- AGAMBEN, G. *Coisas que vi, ouvi e aprendi...* Belo Horizonte: Âyiné, 2022. p. 71.
- ANDRADE, C. S. *A interpretação analítica e a escrita poética chinesa*. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- LACAN, J. *O seminário, livro 19: ...ou pior*. (1971-1972) Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- LAURENT, É. *A carta roubada e o voo sobre a letra*. Correio, Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, São Paulo, n. 65, p. 61-93, 2010.



PARA DOXO

por *Lara Cedraz Carneiro*
associada ao IPB-BA

Era uma vez
Um rei
Que só ao perder sua coroa
Pôde governar
Quem diria: careca brilhar mais que diamante

Peço licença a Giuseppe Peano (1858-1932) para tirar sua tese “A ordem dos fatores não altera o produto” do contexto original e inseri-la em um novo: o de que a mudança na posição de uma palavra pode causar grande impacto. Afinal, se alterarmos o lugar do “não” em “A não ordem dos fatores altera o produto”, a frase muda substancialmente de sentido. No seu livro *Los divinos detalles*, Miller (2020) trata do detalhe como consta no ponto de axé “pedrinha miudinha de Aruanda ê, uma maior, outra menor, a mais pequena é que mais alumeia”, trazendo que é essa pedra miúda o farol da in-

interpretação do analista. Ele elucida, ainda no primeiro capítulo, o paradoxo de Zenão “Aquiles e a tartaruga” para pensar na série, no conjunto e, principalmente, naquilo que fica de fora – a falta.

A posição em que o indivíduo coloca a falta modifica a forma como ele se arranja diante do mundo. Dito de outra forma: ao tomarmos a falta como condição de existir, colocando-a antes, entramos no campo do sujeito barrado, objeto tomado como causa de desejo. Porém, se colocamos a falta depois, como algo a ser perseguido, preenchido e alcançável, ingresamos no campo do gozo, no qual o objeto aparece como mais-de-gozar. Dessa forma, viver na fantasia de que é possível ter tudo, paradoxalmente, nos inibe, e acabamos sem nada. Diante do impossível, o que vem à tona é a impotência. Sendo assim, é ao aceitar a falta como intrínseca à vida que o impossível pode vir-a-ser qualquer coisa, adentrando no campo da invenção. Como diz Félix Ventura, vendedor de passados, em *Oração para desaparecer*: “a partir daqui a história da tua vida é tua. As pessoas não têm essa consciência, de que escrevem uma história enquanto vivem.” ❖

não
ordem

A **dos** **fatores** **o** **produto**
altera

NO AR

Série fotográfica
realizada por Leila Mignac,
associada ao IPB-BA,
exclusivamente para
esta edição do boletim

